

O jornalismo conservador e os papéis de gênero

Mariane Rambo

1) Introdução

Em 1940, o *Dictionary of Modern English Usage*, de Oxford, definiu gênero como sendo estritamente gramatical, usado para definir as pessoas do gênero masculino ou feminino (Scott, 1995, p.1). Anos depois, o termo se tornou objeto de interesse de vários campos de estudos. Ao analisar o uso dessa palavra, a historiadora estadunidense Scott (1995) diz que “debemos preguntarnos con mayor frecuencia cómo sucedieron las cosas para descubrir por qué sucedieron”¹. Ou seja, não basta entendermos como ocorrem as coisas, mas o motivo pelo qual elas são assim.

Uma das referências na busca por entender a presença feminina nos grandes momentos da história foi Lerner, que escreveu o livro *A Origem do Patriarcado*. Em sua obra, Lerner (2019), busca fazer uma linha histórica da criação do patriarcado e entender como se deu a subordinação feminina. Um dos motivos pontuados pela autora sobre a falta de representatividade feminina na história humana contada é que, até alguns anos atrás, a maioria dos historiadores eram do sexo masculino, priorizando contar as experiências que, para eles, foram marcantes – gênero entra aqui como um marcador de importância.

Assim como Lerner, Rago (2019) também se questionava se “existiria uma maneira feminina de fazer/escrever a história, radicalmente diferente da masculina? E, ainda, existiria uma memória especificamente feminina?”. A autora ainda afirma que as relações sexuais e sociais a quais estamos submetidas moldam nossa forma de ver o mundo e interpretá-lo.

Concordando com as autoras acima, a escritora argentina Maffia (2020), em seu texto *Feminismo y epistemología: un itinerario político personal*, aborda como o fazer ciência é moldado por nossos valores, interesses e preconceitos.

Outro ponto discutido por Lerner é o determinismo biológico, uma teoria que acreditava que, por os homens e mulheres serem diferentes biologicamente, logo mais, os papéis sociais também deveriam ser diferenciados. Cria-se, assim, um valor social atribuído

¹ “Devemos nos perguntar mais seguidamente como as coisas se passaram para descobrir por que elas se passaram” (tradução da autora).

ao sexo. Scott (1995) explica que o gênero seria como uma “forma de referir-se a la organización social de las relaciones entre sexos”² (p.2, 1995).

Um dos marcadores de gênero – descrito por Lerner (2019) – seria que a divisão do trabalho deveria ser feita a partir do sexo. Os homens, por serem fortes, seriam os responsáveis pela caça e por prover alimento e segurança para o grupo. Já as mulheres, por terem um útero, seriam responsáveis por manter a linhagem da espécie e cuidar das crianças. Dessa forma, o gênero também seria responsável pelo prestígio atribuído às pessoas. “Me parece entonces que el lugar de la mujer en la vida social humana no es producto, en sentido directo, de las cosas que hace, sino del significado que adquieren sus actividades a través de la interacción social concreta”³ (ROSALDO, 1980, p.400 como citado em SCOTT, 1995, p.22)

Veiga, em seu artigo oriundo da sua dissertação, intitulado *Gênero: um ingrediente distintivo nas rotinas produtivas do jornalismo*, pontua que gênero e classe são dois marcadores que ajudam a organizar as relações sociais, dentro de uma hierarquia social excludente. “Pode ser compreendida por meio da imagem de uma pirâmide de distribuição do poder, cujo topo é formado pelo masculino hegemônico, e a base por atributos que remetem ao que se coloca no pólo oposto - o feminino” (VEIGA, 2012, p.493).

Scott (1995, p. 16-17), para explicar sobre os desfechos sociais que o gênero implica, fala que, mesmo em famílias em que há uma divisão mais justa do trabalho ou não há tantos marcadores de gênero (papel da mulher x papel do homem), as crianças ainda aprendem a associar os homens com poder e superioridade. Para a autora, temos que prestar atenção ao sistema de significados.

Esto es, a las formas en que las sociedades representan el género, hacen uso de éste para enunciar las normas, de las relaciones sociales o para construir el significado de la experiencia. Sin significado, no hay experiencia; sin procesos de significación no hay significado (SCOTT, 1995, p.17)⁴.

Ainda em seu estudo, a autora traz uma provocação sobre como o estudo de gênero ocorre. Para ela, os estudos sobre gênero deveriam olhar ambos os sexos, assim como os

² “Forma de se referir a organização social das relações entre os sexos” (tradução da autora).

³ “Vejo agora que o lugar da mulher na vida social humana não é, de qualquer forma direta, um produto das coisas que ela faz, mas do significado que suas atividades adquirem através da interação social concreta” (tradução da autora).

⁴ “Isto é, para as formas em que as sociedades representam o gênero, fazem uso deste para enunciar as normas, das relações sociais ou para construir o significado da experiência. Sem significado, não há experiência; sem processos de significação, não há significado” (tradução da autora).

estudos de classes deveriam analisar os operários e os donos. Portanto, os estudos de gênero não deveriam se focar em apenas um dos sexos, mas sim na relação entre eles.

2) O gênero como definidor no jornalismo

Como vimos acima, gênero é uma das formas de se entender e decodificar o mundo. Na prática do jornalismo, ele também é aplicado como uma forma de filtrar os temas e na escolha dos profissionais.

Assim como a “política constrói o gênero e o gênero constrói a política” (SCOTT, 1995, p. 28), o jornalismo constrói a sociedade e a sociedade constrói o jornalismo. Dessa forma, numa sociedade misógina, o jornalismo irá replicar esse comportamento, e um jornalismo misógino irá ajudar a estabelecer a misoginia na sociedade.

A partir do jornalismo e meios de comunicação, normas e convenções sociais são reforçadas, como a misoginia e a heteronormatividade na sociedade (VEIGA, 2021, p.492). A autora reforça que a mídia é um “dispositivo pedagógico” que ensina sobre quais comportamentos humanos são certos ou errados.

Através delas (notícias) surgem receitas de como ser homem ou mulher, criança, idoso(a), bem sucedido(a), saudável, bonito(a), das formas corretas de exercício da sexualidade, bem como o processo continuado da forja dos sujeitos que “interessam” socialmente. E todas estas receitas são baseadas em alguns pressupostos histórica e culturalmente construídos como irrefutáveis, e deste modo participam dos conhecimentos sociais partilhados pelo jornalismo (VEIGA, 2012, p.492).

A pesquisadora Escosteguy, no trabalho *Estudos Culturais Feministas: a importância de afirmar uma nomeação*, analisa de que forma o feminismo provocou mudanças na agenda dos estudos culturais. Observando o estudo *Images of women in the media*, de Butcher, Coward, Evaristi, Garber, Harrison e Winhip (1974), Escosteguy conclui que os meios de comunicação, com o jornalismo incluso, são responsáveis pelo reforço dos papéis de gêneros esperados pela sociedade.

A pesquisadora Rago (2019), ao comentar o trabalho de Scott, diz que, para entendermos a divisão do trabalho a partir do gênero⁵, devemos trazer luz para o discurso utilizado e seus efeitos. A partir dessa ideia, creio que examinar o discurso utilizado pelo

⁵ No lugar do termo “divisão sexual do trabalho”, tenho preferido usar a expressão da divisão a partir do gênero, pois não é somente o sexo que define essa diferenciação, mas, sim, os papéis sociais.

jornalismo conservador⁶ possa nos dar algumas ideias de como o jornalismo tem discutido a participação social das mulheres.

Para isso, foram utilizados três posts das redes sociais do jornal Folha de S. Paulo. O estudo foi feito através da análise de conteúdo, metodologia cunhada por Bardin. A autora (2016, p.15-50) define a metodologia como “um conjunto de instrumentos metodológicos” que são utilizados em diversos “discursos (conteúdos e continentes)”. Segundo ela, esse método busca entender como o enunciado será compreendido pelo receptor.

O primeiro caso aconteceu em 2 de janeiro de 2023, quando a jornalista e apresentadora Glória Maria morreu. Na chamada, o jornal escreveu: **“Glória Maria tinha quantos anos? Jornalista fazia de tudo para esconder a idade”**. A frase, na época, não chamou tanta atenção nas redes sociais, mas um dos marcadores de gênero que podemos perceber é a importância que a idade tem. Numa sociedade que conecta a beleza e o valor com a juventude, as mulheres são incentivadas a esconder marcas da vida e a sua idade. Dificilmente os homens são estimados pela aparência e idade, dessa forma, esse é um dos definidores que oprime praticamente somente as mulheres.

Figura 1

Print Glória Maria

⁶ Chamo de jornalismo conservador a mídia que, devido à falta de diversidade, produz um discurso excludente e estigmatizado.



Folha de S.Paulo @folha · 53min
Glória Maria tinha quantos anos?
Jornalista fazia de tudo para esconder a idade



folha.uol.com.br
Qual era a idade de Glória Maria? -
02/02/2023 - Ilustrada - Folha

Fonte: Revista Fórum⁷

Em agosto do mesmo ano, o jornal voltou a retratar a morte de uma mulher famosa de uma maneira problemática. Ao falar da morte da atriz Aracy Balabanian, o jornal escolheu a chamada: **“Aracy Balabanian fez aborto e não quis se casar para cuidar da carreira”**. Dessa vez, o marcador de gênero percebido é a maternidade compulsória a qual as mulheres são forçadas. Quando uma mulher decide não seguir com o papel que se espera dela – ser virgem, casar, ter filhos, se dedicar à maternidade (quase sempre nessa ordem imposta) –, ela está indo contra o papel determinado ao seu gênero, desafiando, assim, o padrão social. Outro ponto de atenção no texto do jornal é a fala sobre aborto, um tema ainda estigmatizado no país e proibido e julgado moralmente na maioria dos casos. Aracy não seguiu a fórmula de ser mulher a ela imposta, e esses fatos, na visão do jornal, são mais relevantes de serem noticiados do que a carreira e os sucessos dela.

⁷ Bittencourt, J. (2023, 8 de agosto) *Folha reduz legado de Aracy Balabanian, Rita Lee e Glória Maria atrás de cliques*. *Revista Fórum*.
<https://revistaforum.com.br/midia/2023/8/8/folha-reduz-legado-de-aracy-balabanian-rita-lee-gloria-maria-atras-de-cliques-141877.html>

Figura 2
Aracy Balabanian



Fonte: Revista Fórum⁸

Assim, como no caso de Glória Maria, o jornal decidiu que a manchete, a parte mais chamativa de um texto jornalístico – e muitas vezes a única parte lida pelos usuários – deveria ser sobre o papel de gênero não desempenhado, em vez das conquistas dessas mulheres.

Um exemplo da diferença do tratamento dado aos homens pelo jornal é que nas manchetes, e muitas vezes no texto jornalístico, não se fala sobre ações polêmicas dos envolvidos. Por exemplo, ao falar sobre a dupla sertaneja Victor e Leo, o jornal não citou o caso de agressão cometido por Victor Chaves contra a sua ex-esposa, Poliana Bagatini

⁸ Bittencourt, J. (2023, 8 de agosto) *Folha reduz legado de Aracy Balabanian, Rita Lee e Glória Maria atrás de cliques*. Revista Fórum. <https://revistaforum.com.br/midia/2023/8/8/folha-reduz-legado-de-aracy-balabanian-rita-lee-gloria-maria-atras-de-cliques-141877.html>

Chaves, que estava grávida na época. O caso ocorreu em 2017 e foi um dos motivos da dupla, naquele momento, encerrar a parceria. Cinco anos depois, a dupla resolveu voltar a se apresentar, mas a maioria das TVs abertas não deram espaço para os dois.

Na sua manchete e no texto publicado no Instagram, a Folha de S. Paulo não mencionou a agressão – que infelizmente ainda é normalizada numa sociedade patriarcal misógina. A agressão é especulada pelos jornais como um dos motivos que levou a dupla não ser chamada para programas⁹. Logo, é um fato relevante e deveria ter sido usado como critério de noticiabilidade.

Imagem 3

Print Victor e Leo



Fonte: Instagram¹⁰

3) Conclusão

Concluimos, assim, que o gênero e seus marcadores são, desde os primórdios, usados para definir a forma como a sociedade se porta. Para além da gramática, o termo gênero surge

⁹ Vaquer, G. (2024, 31 de janeiro). *Victor e Leo são rejeitados por produções e ficam sem espaço para se apresentar na TV aberta. Folha de S. Paulo.* <https://f5.folha.uol.com.br/televisao/2024/01/victor-e-leo-sao-rejeitados-por-producoes-e-ficam-sem-espaco-para-se-apresentar-na-tv-aberta.shtml>

¹⁰Instagram Folha de S. Paulo. Victor e Leo são rejeitados por produções e ficam sem espaço para apresentar na TV aberta. <https://www.instagram.com/p/C2xkhztul7b/?hl=pt-br>

da necessidade de mostrar que, para além das diferenças biológicas entre os sexos, há também uma construção social que determina o papel, a posição e os privilégios dos sujeitos.

O jornalismo, como um construtor da realidade, ainda utiliza do seu discurso para manter a norma, onde as mulheres são vistas e tratadas de uma maneira diferente da dos homens. Neste trabalho, analisamos três posts do jornal Folha de S. Paulo. Dois posts eram sobre duas mulheres que morreram, e o portal decidiu não falar sobre as conquistas e as qualidades dessas mulheres, mas, sim, sobre características que falam muito sobre a forma como a sociedade (e o jornalismo) ainda enxerga as mulheres.

No início de seu trabalho intitulado *Epistemologia feminista, gênero e história*, a autora Rago (2019) escreve a frase: “O feminismo tem produzido não apenas uma crítica contundente de produção do conhecimento científico, como também propõe um modo alternativo de operação e articulação nessa esfera” (RAGO, 2019, p.370). A partir dessa frase, penso que, ao usarmos os estudos feministas e de gênero na análise do jornalismo e da comunicação em geral, poderemos avançar tanto na parte científica quanto social. Ao pontuarmos os problemas que o jornalismo ainda tem em relação ao gênero e as mulheres, podemos, dessa forma, construir um jornalismo menos machista e, logo, uma sociedade também.

Referências

Bardin, L. (2016). *Análise de conteúdo*. Edições 70.

Bittencourt, J. (2023, 8 de agosto) *Folha reduz legado de Aracy Balabanian, Rita Lee e Glória Maria atrás de cliques*. Revista Fórum.

<https://revistaforum.com.br/midia/2023/8/8/folha-reduz-legado-de-aracy-balabanian-rita-lee-gloria-maria-atras-de-cliques-141877.html>

Escosteguy, A. C. D. (2020). *Estudos culturais feministas: a importância de afirmar uma nomeação*. LÍBERO.

Instagram Folha de S. Paulo. (2023). *Victor e Leo são rejeitados por produções e ficam sem espaço para apresentar na TV aberta*.

<https://www.instagram.com/p/C2xkhztul7b/?hl=pt-br>

Lerner, G. (2019) *A criação do patriarcado: História da opressão das mulheres pelos homens - prefácio de Lola Aronovich*. Cultrix.

Maffia, D. (2020). *Feminismo y epistemologia: un itinerário político personal*. In: Diana Maffia [et al] *Apuntes epistemológicos*. UNR Editora.

Rago, M. (2019). Epistemologia feminista, gênero e história. In HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.) *Pensamento feminista brasileiro – Formação e contexto*. Bazar do Tempo.

Scott, J. W. (1995). *El género: una categoría útil para el análisis histórico*.

Vaquer, G. (2024, 31 de janeiro). *Victor e Leo são rejeitados por produções e ficam sem espaço para se apresentar na TV aberta*. Folha de S. Paulo.

<https://f5.folha.uol.com.br/televisao/2024/01/victor-e-leo-sao-rejeitados-por-producoes-e-ficam-sem-espaco-para-se-apresentar-na-tv-aberta.shtml>

Veiga, M. (2012). *Gênero: um ingrediente distintivo nas rotinas produtivas do jornalismo*. Estudos em Jornalismo e Mídia.

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2012v9n2p490>